

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA, 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899)

Relator gerente

Eduardo de Ncronha

E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Quinta-feira, 27 de Novembro de 1902

Assignatura, paga adiantada

Lisboa, 6 mezes 600 réis
Provincias, 6 mezes 680 »
Numero avulso 60 »

Tiro Nacional e Educação Civica

O Conselho gerente da União dos Atiradores Civis Portuguezes empenhado no cumprimento da patriótica tarefa que se impoz—a implantação do **Tiro Nacional** e o desenvolvimento da **Educação Civica** por toda a patria portugueza — resolveu em sua sessão de 15 de outubro ultimo, reimprimir e fazer a distribuição de **50:000** exemplares, das duas seguintes cartas **escriptas por um portuguez de lei e verdadeiro patriota**, cartas publicadas no nosso excellente collega de Lisboa **O Diario de Noticias**, dos dias 15 de setembro e 8 de outubro findos.

Um concurso de tiro em Zurich

Zurich, 4. — *Amigo redactor.* — Embora aqui resida ha perto de 3 annos, foi esta a primeira vez que assisti ao concurso escolar de tiro.

O tempo é pouco e os affazeres são muitos. «Knabenschieszen» desperta sempre grande entusiasmo entre os zurichenses porque, além do concurso, ha grande somma de divertimentos predilectos, como concertos, bailes, carrouseis, etc., e por isso a concorrência é enorme.

Este anno a festa teve um brilho extraordinario, não só pelo numero de concorrentes, como por assistirem a ella todo o conselho federal e autoridades locais, professores das escolas superiores, secundarias e primarias de todo o cantão.

O concurso foi feito em dois dias, sendo o segundo tambem destinado á distribuição dos premios e banquete official, e como tal, dia feriado em todas as repartições publicas, bancos e casas commerciaes.

Comecei pelo principio, para seguir a ordem natural das cousas.

Domingo, pelas 6 e meia horas da manhã, reuniram-se nas sédes das respectivas escolas 2:500 rapazes, entre 12 a 15 annos, e acompanhados dos professores, marchavam em direcção ao Albis-Gutli, onde se acha a magnifica carreira de tiro, talvez a mais importante de toda a Suissa.

Abstenho-me da sua descripção, porque já a ella vi referencias feitas, júgo, por dois distinctissimos officiaes do nosso exercito, que aqui estiveram o anno passado, em missão de estudo.

Chegados ali, e depois de alguns minutos de descanso, é-lhes distribuido um almoço já de ante-mão preparado, a que elles se atiram com

appetite devorador: eil-os gritando, correndo, inactivando-se mutuamente, como verdadeiros inimigos de momento.

Os que ainda ha pouco marchavam serenos e ativos, como verdadeiros soldados, entreolham-se agora como inimigos, por que todos teem em mira um premio e todos aspiram ao primeiro.

O primeiro premio é tudo. Camaradagem, folguedos escolares, passeios intimos, laços de familia, tudo esquecem! E' a guerra civil declarada entre aquelles 2:500 inimigos!

Cada um pensa em vencer os 2:499 contrarios.

Mestres e professores, elles mesmos, parecem animados de eguaes rancores: cada um imagina a sua escola ou a sua classe superior em destreza, e digna, portanto, do maior galardão.

Chegam, pelas 8 horas, as autoridades e o jury, e tudo se prepara para o grande combate! tudo serena como por encanto á palavra «rubic», pronunciada pelo presidente do concurso que faz um pequeno arrasoado (aqui não se perdem palavras) recommendando serenidade e firmeza. Tudo a postos.

A grandiosa carreira, toda engrinaldada e empavesada, abre finalmente as suas portas, e todos marcham a occupar os seus logares.

Distribue-se o cartuchame (50 cartuchos por cabeça), e separadas as escolas, cada uma toma o logar que lhe é destinado, e, concorrentes e curiosos, esperam impacientes o signal convencionado.

Soam 9 horas.

Um tiro de artilharia dá o alarme.

Todos estremeceem; é o começo da lucta.

O presidente do jury passa uma rapida visita a tudo.

Os «controleurs», estão serenos nos seus postos, os rapazes distribuidos pelas 72 espingardeiras correspondentes aos 72 alvos que brilham

a 300 metros, e que finalmente serão as unicas victimas da encarniçada peleja...

—Fogo! comanda afinal.

E logo uma fuzilaria atroadora faz estremeceer o colossal edificio.

Então é que é ver aquella rapaziada cheia de vigor, de entusiasmo, de vivacidade, porfiando em ferir o inimigo, que de longe, tem ainda a condescendencia de mostrar, a cada bala que recebe, o sitio exacto onde foi attingido.

Quantas decepções e quantas alegrias!

«Mouche», bom, regular, nada — gritam os assistentes.

—Atenção ao fogo, clama um professor...

—Pontaria mais alta, brada um outro... — Tu não vês? vocifera um terceiro...

E fogo, fogo sempre, mas ao mesmo tempo, tudo é ordem, tudo é methodo. Os atiradores que consumiram as munições são immediatamente substituidos por outros.

Esta substituição é feita por cada serie de dez tiros, afim de não fatigar os combatentes nem escalear demasiadamente as armas.

Cada um que retira mostra aos amigos e parentes os resultados obtidos, que os «controleurs» marcam com uma exactidão e paciencia dignas de todo o elogio.

O estrondo da fuzilaria é medonhamente repercutido pelas paredes do edificio. Parece uma verdadeira batalha.

Meio dia. Novo tiro de peça. Ponto no fogo. Toca ao rancho.

Já ha victimas de mais nas «mouches». Já se ouvem clamores ao... estomago.

Não corre sangue, mas, se a cerveja ingerida pelos espectadores se derramasse pelo campo, havia inundação o capaz de confundir o proprio diluvio universal!

Al! amigo redactor. Quem pudesse descrever o que dizem aquelles rostos juvenis em que trans-

piam a saúde, a vida, a força e a satisfação?!

Que contraste com os nossos «meninos», que, decerto, desfaleceriam ao estrondo da fuzilaria, ou morreriam de cansaço se dessem um passeio matutino de espingarda ao hombro!...

Mas continuemos.

No espaço restaurant, que se acha á esquerda da carreira, tomam lugar os 2:500 rapazes, respectivos professores, auctoridades civis e militares e membros do jury.

Antes de começar o jantar, o conselheiro presidente da camara da cidade louva, em breves palavras, os mestres e professores, e declara-se satisfeito com aquelles juvenis atiradores, que serão um dia a esperança da patria.

Em seguida, o hymno nacional tocado, e acompanhado em côro por todos os assistentes e depois... aos pratos que fumegam.

Que bellos estomagos, meu amigo, que desembarço de queixos! Como tudo respira alegria e... appetite!

Acabada a refeição, durante a qual tocaram duas sociedades musicas de Zurich, aquelles que ainda ha pouco mostravam...

... furor tanto,
que a vivos, medo,
e a mortos causa espanto...

reunem-se n'um longo estrado e então em côro a deliciosa «Schutzenlied» (canção do atirador).

Que harmonia e que afinação! Estou mais do que convencido, amigo redactor, que Marte e Apollo eram intimos, e que um pulso rijo e um olhar firme, são perfeitamente compatíveis com a voz mais terna e melodiosa!

O publico applaude, rompe o hymno nacional acompanhado por milhares de vozes... e descanço em toda a linha.

Eu aproveito também, para «metter mantimentos».

O passeio matutino, os raios solares que dardem ardentissimos sobre a collina o fragôr da batalha, abriram-me o appetite... francamente fiz o meu dever.

Se tivesse também havido concurso de gastronomia, talvez este seu compatriota tivesse obtido um premioito?...

Fazia justamente estas reflexões, e estava todo entregue a ellas, imaginando já um discurso cheio de eloquencia para agradecer a distincção quando um canhoneio me restitue á realidade. Recomeçava o combate; era preciso vê tudo.

Sempre na mesma ordem, e com o mesmo ardor, entram em linha de atiradores os restantes combatentes, isto é os que ainda não tinha mostrado a sua pericia.

Succedem-se os grupos, o espingardear é de ensurdecer. Corro d'uma a outra parte, sempre a mesma animação, as mesmas advertencias, os mesmos movimentos sacudidos, o mesmo rigor e a mesma ordem.

Ao longe, aquelles 72 quadrados brancos, devidamente numerados, em cujo meio se destaca o negro da «mouche» andam, como diz o vulgo, n'uma verdadeira roda viva.

Ora serenos, ora se abaixam, ora se levantam, aqui um ponto negro, agora um verde, logo outro vermelho, n'uma extremidade, n'outros, da direita, da esquerda, e vezes ha que de tal modo se succedem os movimentos e aparições, que se diria seres humanos atacados de epilepsia.

As mesmas bandeiras que fluctuam ao centro de cada espaldão teem por vezes estremeções, provando que um desastrado ou um «patusco» lhes fez presente de uma... «ameixa».

Mas sempre no posto de honra. Se o ataque é vigoroso, a resistencia é tenaz.

Até ás 5 horas da tarde dura aquelle fuzilar continuo; mas um novo tiro de canhão põe ponto no concurso, embora falem ainda alguns atiradores a entrar em fogo.

Ficam para amanhã.

Quer crêr, amigo redactor, estimei, porque, francamente, já sentia o craneo a estalar com aquelles 6 horas de fogo. com o vozear de milhares de pessoas, com o calor abrasador d'aquelle esplendido dia de verão.

Terminado o concurso, a rapaziada dispersou, e cada um tomou o rumo que melhor lhe conviniu.

Uns, invadiam os carrousseis, outros as baracas de tiro mechanico, outros discutiam o merito proprio ou alheio, outros ainda vingaram-se da sua pouca sorte atirando com raiva as bolas do «pim-pam-pum»=(tambem ha cá d'isto) á cabeça d'este ou d'aquelle boneco, que, talvez por escarneo, se conservava firme.

E que «piadinhas», meu amigo! Estas ouvi eu, picantes como estyletes.

— Tu atiraste bem, mas as balas eram de papel...

«Não furaram o alvo.

— E' verdade, — respondeu o outro, mas as tuas eram de sebo, derreteram-se no caminho. Outra.

— Então quantos?

— 38.

— Mau numero. E tu?

— 37.

— Ainda peor!

Ainda esta.

— Tu não foste feliz, só 34?

— Enganas-te, aproveitei-as todas; mas, como o marcador estava com fome, comeu as 16 que faltam.

E muitas mais.

A' noite começou o concerto, seguido de baile; mas, como nada me interessa ver o que por milhões de vezes tenho visto, recolhi a quartel.

Como já lhe disse, segunda feira foi dia feriado em Zurich por ser considerado dia de festa official.

Os rapazes que por falta de tempo não tinham sido submetidos ao concurso, foram-n'o na segunda-feira. Eram ainda em numero de 500, aproximadamente.

O tiro começou, como na vespera, ás 9 horas da manhã, terminando pouco antes das onze.

Ao meio dia, justo, chegaram todo o Conselho de Estado (diéta), governador civil da cidade e respectivos conselheiros, camara municipal, officias superiores do exercito, presidentes dos clubs de tiro, professores das escolas superiores e secretarios, mestres de instrução primaria, em fim, tudo quanto Zurich tem de mais illustrado e distincto.

A festa não é de Zurich, é dessa Suissa inteira.

Trata-se de galardoar os escolhidos, e entre estes ha-os de diversos cantões, mas todos são suissos.

Depois do jantar, distribuido aos concorrentes, depois de varios trechos de musica, seguiu-se o banquete offerecido por Zurich aos seus convidados, que eram numerosos.

O primeiro brinde foi erguido pelo dr. Pestalozzi.

Começa por agradecer a comparencia do conselho federal. Rememora o abandono a que, durante alguns annos, esteve votada esta festa tão significativa, e louva os esforços empregados pelos clubs de tiro de Zurich para o seu ressurgimento.

— Graças vos sejam dadas, diz o grande professor, porque, ainda que são grandes os sacrificios impostos á cidade para realizar esta utilissima festa, della resultam beneficios futuros que os compensarão largamente.

«Zurich orgulha-se de vêr nestas creanças, cujo enthusiasmo admiro, não só os seus futuros defensores, como os de toda a patria, que saberão respeitar e pela qual saberão morrer, se tanto lhes fôr exigido.

E, num rasgo de orgulho, clama:

— Viva a Suissa! Vivam os seus filhos, que, atravez de seculos passados, a teem ennobrecido, e assim continuarão atravez dos futuros, guardando em seus peitos o santo amor da patria e do progresso!

«Viva a Suissa!

O que então se passou, meu amigo, é indcriptivel.

Não era enthusiasmo, era delirio, era vertigem. Convidados e assistentes pareciam presas de loucra. Durante um longo quarto de hora só se ouviu o grito patriotico por todos repetido mil vezes.

Todos, de pé, agitavam os braços, num cumulo de arrebatamento; velhos e novos, homens e mulheres, creanças e adultos, grandes e humilides, todos pareciam querer elevar até Deus as suas vozes repletas de amor patrio, como a pedir-lhe que livrasse a Suissa de qualquer acto de Sua colera, porque da dos homens elles a livrariam.

Creia, meu amigo, apesar de não ser suíço, apesar de ser um estrangeiro, um exilado, um expatriado, commovi-me tanto e tanto perante aquella expansão de amor ao solo patrio, que me voltei, disfarçando uma lagrima teimosa que queria denunciar a perturbação do meu espirito!...

Que amargas recordações tive então.

Como eu quizera reunir sob aquelle tecto todos esses milhares de estupidos que riem e mofam ao ouvirem falar da patria, animaes damnhos e repellentes como os que o pedreiro Luciano caçava nos esgotos e como elles só dignos de os habitarem!

Nunca senti, amigo redactor, tanta amargura como ao comparar a pujança d'este povo com a decadencia do nosso!

Mas esta decadencia não é do povo que parte: é d'aquelles que se envergonham de o ser.

Não é, decerto, o aldeão que despreza a terra que cultiva com o suor e trabalho; é o vadio sem vergonha e sem pejo, que, imaginando-se-lhe superior, afunda na lama o nome sacrosanto da patria; é o vadio que alardeia de fidalgo e que ri das glorias do passado, e que acha mesquinha a terra que teve a desventura de o gerar!...

Mas voltemos ao assumpto.

A Pestalozzi seguiram-se outros oradores, to-

dos applaudidos pela multidão que enchia a sala do banquete.

Findos estes, e mais uma vez ouvido o hymno nacional, começou a distribuição dos premios.

Os classificados, em numero de 200 e marchando ao som de 15 tambores que rufam com um arraghal digno de figurar numa carga da «vielle garde», dirigem-se para um recinto reservado, onde se acham alinhadas 15 grandes mezas sobre as quaes estão expostos, e devidamente numerados, os brindes que Zurich offerece aos seus dilectos.

A banda toca; os membros do jury reunem-se; o presidente toma a palavra.

Silencio profundo da assistencia.

Pequeno e o discurso, que se pôde resumir n'estas palavras:

— Zurich agradece, reconhecida os esforços empregados por seus filhos para o lustre de tão brilhante festa, e espera que os que hoje foram os primeiros sirvam de exemplo aos mais fracos. Faz a chamada.

Todos se põem em bicos de pés, todos dilatam quanto podem os pescocços, todos querem ver o heroe do dia.

— Heinrich Wabel? — chama o presidente.

— Presente.

E apparece um rapazote forte, atarracado corado, como um tomate, que se aproxima com desembarço.

Recebe o premio uma magnifica carabina, com incrustações de madreperola na coronha e retira, sempre entre as mais ruidosas acclamações.

Amigo redactor, este rapaz, com 14 annos apenas, em 50 tiros aproveitara, 42, sendo assim classificados: Mouches 31; bons 11, soffríveis 7, perdido 1; o que equivale a dizer, aproveitou 49, embora os soffríveis não tivessem classificação.

Seguiram-se: Hans Moog, 40 — Mouche, 29; bons, 11.

Eduard Heupf, 38 — Mouche, 28; bons, 10.

Os applausos repetiam-se a cada chamada, mas, infelizmente, o tempo, que até as 4 horas se conservara razoavel, entrovicou de repente, e uma medonha carga d'agua fez abreviar este numero, talvez o mais entusiastico da grandiosa festa.

A's cinco horas terminara tudo o que tinha caracter official, e começava o tiro livre que foi enormemente concorrido.

Eu tambem quiz experimentar a mão com dez tiritos, e corri até casa, onde cheguei como um pinto.

Alguma coisa terei que dizer ainda sobre o mesmo assumpto; mais de espaço o farei para a semana, e até lá terei tempo de pensar maduramente sobre e que vi e o que queria ver.

Até á semana, pois.

A. M.

Zurich, 27 de setembro. — Amigo redactor:

— Disse-lhe na minha ultima carta que ainda tinha que referir-me á grandiosa festa a que assisti, e da qual lhe dei um imperfeitissimo esboço, porque declarei com toda a franqueza ser um pessimo narrador...

Mas quem dá o que tem...

A' proporção que colligia os meus apontamentos, accudiam-me ao espirito um sem numero de questões sobre as quaes consultada a propria mesa de trabalho, a penna, o tinteiro, sem que conseguisse obter a mais simples resposta.

A estúpida materia conserva-se muda; mas parecia sorrir de escarneo, ao ver os meus esforços vão; e sorria-se com certeza porque, sendo suíça de origem e feito eu, na minha preocupação de espirito, interrogara-a em portuguez correcto, e quem sabe mesmo se, ao ver a sua teimosa mudez, não soltaria algumas dessas phrases energeticas, que aprendi na escola e caserna?!

Escola e caserna!

Que recordações, meu amigo!

Como o tempo passa e as cousas mudam!

Então, tinha illusões, esperanças, parentes, amigos: o destino destruiu parte; os homens o resto.

Hoje, quasi só, lastimo os parentes finados, as illusões perdidas, as esperanças mortas, e, mais de que tudo isto, a Patria que não esqueço, mas que parece caminhar para a mais completa decadencia, apesar das lições severas e dos avisos repetidos da Providencia.

Não é o tripulante do barco que naufraga que pôde observar as peripecias da catastrophe que o victima, não é o soldado na refrega que pôde ver as evoluções do inimigo que combate. E' de longe que tudo se vê e calcula.

Mas tambem não é nos grandes centros, onde tudo é bulicio, onde o tempo é pouco para as seduccões, onde tudo distrae o espirito, onde tudo é dourado ou roseo, que nos podemos lembrar dos que soffrem...

E' aqui, por exemplo, aonde tudo é socego de corpo e espirito que recorrendo á leitura, como distracção, podemos ver o que se passa e o que

se diz, porque aqui nos chegam os ecos de todo o Universo.

Quando, á noite, apoz a lucta pela vida, me entrego á leitura dos jornaes os mais importantes, que um bom organiado club põe á minha disposição, estremoço ao abril-os, porque já tenho a certeza de ler qualquer cousa que me tira o amor proprio ou o amor patrio.

Em phrase de escarneio, ou de commiserção, uma advertencia, ou uma ameaça: uma satyra ou um epigramma; um insulto ou uma deprecição... Em fim, meu amigo, confesso-lhe que rara é a noite que passo sem que sinta os vestigios humidos de lagrimas de vergonha ou desespero.

Se, para esquecer a leitura que me confrange, abro uma illustração humoristica, lá vejo sempre uma caricatura que nos ridicularisa: se tomo uma folha commercial ou financeira, lá vem sempre uma injuria sangrenta...

Amigo redactor. Se lhe traduzisse tudo o que a nosso respeito dizem, em especial as folhas dos nossos visinhos mais proximos, d'aquem e d'além Pyreneus, sentiria como eu, encherem-se-lhe as faces de colera e de vergonha!

Mas, para amostra, basta o seguinte, dito por uma folha da capital da Catalunha, com respeito ás nossas campanhas d'Africa:

«Os nossos vizinhos batem-se ali como leões, mas quasi sempre, para coroar as suas brilhantes victorias... fogem como galgos.»

E, sem se lembrar de S. Thiago de Puerto Rico, termina assim o vergonhoso artigo:

Valientes en la paz
Cobardes en la guerra
Todo esse valor se incierra
En pataratas... no mar.

E vamos nós dar o nosso dinheiro a estes «amigos sinceros», deixando de admirar as bellas paisagens do paiz.

Outro trecho d'um jornal parisiense, a respeito da coroação de Eduardo VII, notando a presença do cruzador *D. Carlos* entre os cruzadores italianos e japonezes, diz:

«Era um trio singular! Os italianos cantam, os japonezes dançam e os portuguezes... feram calotes.»

Vamos, meus amigos, a Marselheza em eóro!...

Agora a terceira, e ultima, d'uma folha ingleza, órgão d'um estadista conhecidissimo no mundo politico:

«Não nos basta a santa amizade das duas familias reinantes de Portngal e Inglaterra: o povo portuguez não deixa de nos hostilisar quanto pôde.

Vimos em Lisboa mais de uma manifestação contra a Inglaterra, mesmo quando esta acabara de levantar com energia as mais grosseiras ameaças que lhe eram lançadas do alto da tribuna franceza.

Custa-nos a ingratidão, porque amamos aquelle paiz, cujas glorias passadas foram e são ainda repetidas pelo nosso rei e pelo nosso povo.

Mas a «amizade» pôde enfraquecer ante taes desmandos da opinião popular, a paciencia pôde perder-se, e então... talvez os que publicamente manifestam o seu odio contra nós, chorem o abandono da velha aliada, sob o jugo de qualquer paiz mais forte e ambicioso.

Existem em Portugal tres monumentos grandiosos: a Batalha, o Bussaco e o obelisco da Liberdade em Lisboa. Pois, se procurarem bem, descobrirão o sangue dos nossos soldados ou o ouro do nosso erario envoltos com a argamassa dos seus alqueires.

Quem esquecer a historia, esquece o dever; e o mundo não ignora o que Portugal bem sabe.

A sua independencia esteve e está á nossa mercê.»

Que verdade e que vergonha!

—Mas porque somos assim tratados com tanto desprezo, com tanta ironia e com tanta severidade?

Eis a pergunta primeiro que a mim proprio fiz ao findar a leitura das tres folhas a que me refiro.

Para esta achei respostas:

—Porque somos ignorantes e fracos.

Mas para as que me suggerira a festa escolar, para essas não encontro por mais simples que pareçam.

Porque não fará Portugal o que fez a Suissa?

Pois o que é possível aqui será inexequível ahi?

Pois a instrução obrigatoria, assim como o tiro civil serão cousas de tal transcendencia que qualquer ministro não resolva com duas pennadas?!...

Seremos nós tão fortes que para defeza do paiz desprezemos aquillo de que as mais poderosas nações tanto cuidam — o tiro?

A França, a Alemanha, a Russia, a Italia, a Austria, cujos exercitos são mais numerosos do que toda a nossa população, aperfeiçoam-no todos os dias, tornam-o obrigatorio em collegios particulares e escolas publicas. Porque não fazemos nós o mesmo?

Será tão inveterado o nosso patriotismo que

se despreze, quasi a nossa gloriosa bandeira, ora collocando-a á porta de sordidas tabernas, como vi para os lados da Esperança, ou nas janellas de uma obscura hospedaria ao Corpo Santo, ora chasqueando os que a saudam quando passa, guardada pelas bayonetas dos que juraram defendel-a, isto quando os paizes verdadeiramente fortes prestam um culto religioso ás suas respectivas insignias?

Vou contar-lhe um caso que vi ainda ha mezes em Berlim, para lhe dar prova sobeja do que affirmo.

Estava naquella cidade, tratando de negocios particulares, e, acabados elles, dirigia-me para a Centralbahnhof, quando, na mesma direcção, marchava um regimento d'infanteria.

Parei, para ver um regimento allemão. Era o primeiro que encontrava em marcha.

Todos fizeram como eu.

N'uma elegante victoria passavam duas damas de nobreza incontestavel, que, como os demais, deram ordem para parar. Passa parte do regimento, approxima-se a bandeira, guardada por cadetes, todos se descobrem, e as damas que até ali se conservavam sentadas levantam-se e reverentemente se curvam, como só talvez o fizessem ante Deus. Não me impressionou o acto; já o tinha visto. Até as mais levanias parisienses, aquellas que vivem n'um meio frivolo, como frivolos são os seus amores de cada noite, se curvam ao vêr passar a bandeira tricolor.

Não me impressionou, repito, mas entristeceu-me, ao lembrar-me como na nossa patria se despreza a bandeira nacional!

Teremos nós homens bastantes para que se isente do serviço militar qualquer cidadão que disponha de algumas centenas de mil réis, ou disponha de dois votos nas eleições?... Serão o empregado publico, o medico, o advogado, o commerciante, o titular, entes superiores que não deva n, como o pobre aldeão, pagar o tributo de sangue, como o pagam aqui e em todos os paizes da Europa, incluindo a autocratica Russia? Não! mil vezes não!

O amigo, que de Lisboa me chama patriota furioso e doído varrido, tem razão, ás carradas, como vulgarmente se diz.

Porque só atacado de loucura eu poderia imaginar que todos esses «dandys», almiscarados, enlavados, encollarinhados até ás orelhas, sem pescoço, sem peito, sem hombros, a não serem de estopa, a quem um sópro constipa, um grão d'areia trespassa, uma rosa faz peso, acostumados apenas á delicadissima «badine», fossem como rústicos, como homens, carregados com uma espingarda até á carreira do tiro, ou com um sabre até á sala d'armas!

Isto é bom para suissos, francezes, belgas, italianos, russos, austriacos e japonezes.

Para os «lusos valorosos», é escusado!...

Para elles, que impedem o transitio á porta dos estabelecimentos, que pejam passeios e praças, está reservada cousa mais fina, mais proveitosa:

O dizer babostiras ás damas que passam só. calumniar as que os desprezam, falar em cocottes que os sugam, em escriptores e poetas que nunca leram, em cantores que não ouviram, em actores que nunca viram, em viagens que não fizeram, cumprimentar os que nem de longe conhecem — com tanto que vão de trem, «derreterem-se» para a mais desengonçada mundana, a quem arranjaram celebridade; finalmente, falarem de tudo ou não dizerem nada com medo da tolice.

Isto, sim, é grande, é nobre, é digno, é «chic» mas de tiro de espingarda, de carreira, de trapezio, de remo, é para gente baixa e vil; saudar a bandeira é para carólas.

Mas um dia turvaram-se os ares. D'além fronteiras chegam exigencias e surgem ameaças, os governos cedem. Eil-os então arregaçando os punhos como carneiros, ameaçando a terra, o mar, o mundo, vociferando contra tudo e todos, apontando este ou aquelle povo heroico e, quaes heroes de Cervantes, investem com as estrellas que lá do alto se babam de riso.

Querem imitar tudo o que é nobre, tudo o que «é cá de fóra», tudo o que parece grande; mas o que fazem para isso?

A velha nobreza derramava o sangue generoso em defeza da patria; elles aviltam-na.

Cá de fóra os filhos das mais nobres familias orgulham-se com a farda; elles, fogem-lhe, pedindo ás juntas de inspecção um attestado de incapacidade physica.

Na Inglaterra acham-se enlutadas as mais distinctas familias, porque seus filhos morreram nas pugnas cruentas dos centros africanos.

A França chorou por largo tempo a morte da fina flor aristocratica na lucra gigante de 1870 a 1871.

Em Portugal chora-se nas aldeias os que pela Patria perderam a vida na defeza das ultimas parcelas do nosso vasto imperio colonial. Nas aldeias chora-se; em Lisboa escarnece-se até de aquelles a quem qualquer paiz erguria monumentos que lhes perpetuassem a memoria, re-

lembrando aos vindouros os sacrificios e tormentos que passaram antes que a morte lhes dêsse o eterno repouso!

Elles «os taes», teem tudo desde ralaços até ingratos, porque inclusivé, apodam de tolos os que lhes pouparam vergonhas.

Querem ser nobres e desprezam os exemplos que lhes vem do primeiro cidadão portuguez, el-rei o sr. D. Carlos, que estuda, trabalha, investiga, commanda uma manobra no Oceano, amansa um potro no picadero, empunha o pincel e a penna, maneja a espingarda e o sabre; e, conhecendo sabios e poetas, historiadores e artistas, desbrava as charnecas estereis do nosso Alentejo arrancando á terra as riquezas desperdiçadas pela inércia e ignorancia dos seus subditos.

Camões disse: «... Que um fraco rei, fraco torna um forte povo» — Felizmente, que hoje não se dá o inverso...

Mas, amigo redactor, serão elles «os taes» os verdadeiros culpados da propria decadencia?

Não. Os responsaveis são os que, podendo, porque teem o mando e a força, nada tentam para remediar este mal, que nos enfraquece e nos torna a vergonha da Europa.

Num quarto de papel e em meia duzia de palavras estava a resurreição de Portugal para o mundo civilisado; e como a Suissa, a Hollanda ou a Belgica, continuaria pequeno sim, mas temido e respeitado, e saberia, como ellas, conter em respeito os fortes e ambiciosos.

Num quarto de papel se resume quasi a lei Suissa, e todos lhe tecem os elogios merecidos pela claresa da forma e pelos resultados obtidos.

O meu amigo sabe em que se resumem estas leis, mas ignoram-no muitos e muitos dos seus leitores; e para os elucidar, para que não imaginem coisas impossiveis de pôr em execução em Portugal eil-as:

A instrução primaria é obrigatoria para todo o cidadão suizo.

O tiro, fazendo parte da instrução, é, portanto, igualmente obrigatorio.

Todo o cidadão suizo, qualquer que seja o seu estado ou occupação, é obrigado á instrução militar dos 12 aos 50 annos.

Todo o cidadão suizo dos 20 aos 45 annos é obrigado a pegar em armas para defeza do paiz, ou quando as circunstancias assim o exigam.

Só são isentos d'estas duas ultimas disposições os completamente cegos surdos ou deformados.»

Qual seria o estadista com energia bastante para decretar e fazer cumprir tão simples e tão salutareis medidas, polindo-as com a rhetorica official, mas sem lacunas nem escapatorias?

Nenhum, creio; mas, se um apparecesse, seria o primeiro portuguez do seculo XX e não haveria em Lisboa sitio assaz elevado para se lhe poder erigir um monumento condigno.

Seria o verdadeiro hero, porque venceria os nossos mais terribes inimigos — a inercia e a ignorancia — : seria o verdadeiro christão, porque, distribuindo a luz ao espirito e a energia ao corpo, arrancaria ao vicio e á miseria esses milhares de creanças que, ignorantes, trilham a estrada do vicio e do crime: seria, finalmente, o grande patriota para responder ás ameaças de estranhos o que Pombal respondeu a um ministro estrangeiro, cujas exigencias o enfadaram: —Portugal é dos portuguezes, e quem lhe achar as leis duras... não venha para cá.

O que o grande marquez disse ha cento e tantos annos, repete-o agora a Suissa; e, senão, veja-se o conflicto com a Italia, que por fim cede ante a vontade firme e heroica dum povo oito vezes inferior em população e dez em grandeza de territorio.

Fariamos nós outro tanto? Não! Nós iriamos humildemente pedir a intervenção de estranhos para serenar o conflicto, e contentar-nos-hiamos com palavras doces, mas repassadas de cruenta ironia.

Mas a causa é simples: Na Suissa ha homens e não «dandys». Ha escolas e não prostibulos. Ha carreiras de tiros e não praças de touros.

Pois façamos a substituição e sejamos portuguezes em Portugal, como os suissos na Suissa.

Mas façamol-o já, que ainda pode ser tempo. Esperar é morrer. Já conhecemos os nossos amigos: já sabemos com quem podemos contar. Façamos como a Suissa que conta apenas com o valor de seus filhos, e por isso os educa no amor do trabalho e na adoração da patria.

Eis, amigo redactor, as minhas ambições. Não as veri realizadas? Foram sempre as mesmas, mas despertou-m'as mais vivas a festa escolar do Albes-Gulli.

*

Parto em digressão para Stanzhorn. Dizem-me ser um panorama lindissimo. Veremos e contaremos.

Talvez mesmo o ar fresco da montanha calme a minha excitação e afugente os maus presagios! Até á semana.

A. M.

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO E LOTERIAS

Vierling & C.^a L.^{da}

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Pelourinho, 3

LISBOA

Esta casa compra e vende sempre pelos melhores preços do mercado: Todas as moedas nacionaes e estrangeiras em ouro prata e cobre. Todas as notas dos Bancos de Hespanha, Franca, Inglaterra, Alemanha, Italia, Austria, Hollanda, Suecia, Noruega, Belgica, Suissa, Russia, Estados-Unidos da America do Norte, Brazil, Republica Argentina, Africa do Sul, etc.

Sacae sobre todas as principaes praças de Hespanha e mesmo sobre muitas povoações pequenas.

Desconta todos os juros nacionaes e estrangeiros vencidos e a vencer.

Compra saques sobre o estrangeiro.

Compra e vende inscrições e obrigações do Estado, acções de bancos, Acções e obrigações de Companhias e fundos hespanhoes.

Sacae e desconta letras sobre o Porto, Coimbra e diversas outras terras do paiz.

Satisfaz com a maxima promptidão todos os pedidos de loterias que venham acompanhadas das suas respectivas importancias.

Tem já um grande sortimento de bilhetes e suas frações para a grande loteria do Natal que se extrae em 23 de dezembro com o premio maior de

150.000.000 réis

Endereço Telegraphico — STERLING — Lisboa

Papelaria PALHARES

141, RUA DO OURO, 143

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA A VAPOR

Fornecedora de diversos Ministerios, Bancos, Companhias, Escriptorios e Casas Commercias

Papeis de phantasia e artigos de novidade para brindees

Deposito exclusivo do papel

RAINHA D. AMELIA (Papel da moda)

Sortimento completo de todos os objectos de escriptorio

Trabalhos typographicos e lithographicos em todos os generos

Bilhetes de visita, impressos lithographados e estampados com chapa de cobre

VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

Timbragem em alto relevo de monogrammas armas e brazões a cores, prata e ouro

RETRATOS A CRAYON — Letra de cobre esmaltadass

PAPELARIA PALHARES — 141, Rua do Ouro, 143 — LISBOA

Baptista & Ferreira

PRAÇA DE D. PEDRO, 66 A 68

⇒ E ⇐

LARGO DO CAMÕES, 1 A 3

Nesta casa encontra-se um magnifico sortimento de espingardas, revolvers e todos os accessorios para caçadores

CARABINAS

De pressão de ar, **Flaubert, Martini, Francotte, Colts.**, e outras reguladas com alça de precisão para tiro ao alvo.

CARGAS — De primeira qualidade para revolvers e carabinas

BALAS

Especias para cannos **Choke** (estrangulados)

CARTUCHOS

Vasios e carregados, com polvoras negras e sem fumo de diferentes qualidades, taes como **SHULTZ, WALSHOE** e franceza T.

E' a unica casa que possui a espingarda **Try-Gun**, (de medidas) na qual a coronha se desloca em todos os sentidos, podendo servir de modelo para a escolha de qualquer arma, ou coronha nova á vontade do cliente.

Reparações esmeradas em armas de todas as qualidades

DEPURATIVO DIAS AMADO CURA RADICAL

Da syphilis e do rheumatismo, doenças do estomago e dos olhos, molestias de pelle, feridas antigas ou recentes e DOENÇAS DO UTERO E OVARIOS

Este maravilhoso preparado pharmaceutico, já hoje conhecido como o **Rei dos Depurativos**, pela acção benéfica que exerce em todas as doenças acima indicadas, tem operado milhares de curas, grande parte das que se encontram descriptas em todos os jornaes do paiz.

E' verdadeiramente assombroso o numero das pessoas de ambos os sexos que lhe devem a saude, e muitas até á vida, pois achando-se condemnadas pela sciencia a sofrer operações dolorosissimas e quasi sempre de resultados duvidosos, recorreram ao **Depurativo Dias Amado** e com o seu auxilio conseguiram restabelecer-se.

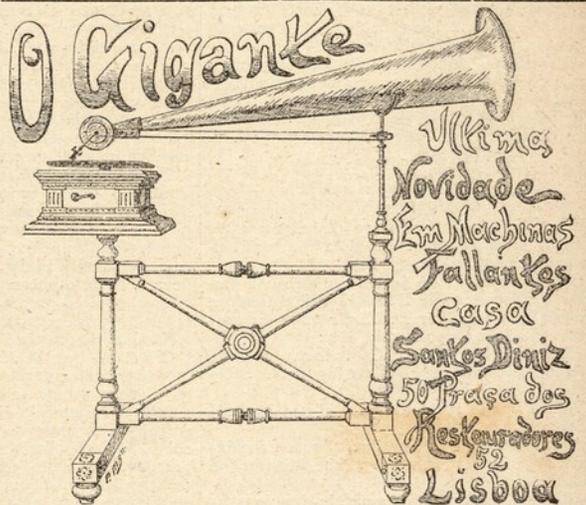
Este precioso medicamento é completamente inoffensivo, conforme o constatarem dois eminentes homens de sciencia do nosso paiz — **Dr. Augusto Rocha**, notabilissimo medico e professor da Universidade de Coimbra, e **Mr. Charles Lepierre**, preparador do gabinete de microbiologia da mesma Universidade — na analyse a que procederam.

Deposito geral — Pharmacia Ultramarina, rua de S. Paulo, 99 e 101.

Preço de cada frasco 1\$000 réis.

Para fóra de Lisboa não se remittem encomendas inferiores a dois frascos, sendo o porte do correio, de dois até seis frascos, 200 réis.

Deposito no Porto — Pharmacia do Bolhão, rua Formosa, 335.



União dos Atiradores Civis Portuguezes

TORNEIOS LIVRES A TODOS OS ATRADORES

NA

Carreira de Tiro da Guarnição de Lisboa em Pedrouços

Todos os domingos desde o 1.º de dezembro de 1902 ao ultimo de maio de 1903

SÉRIES ILLIMITADAS

Premios d'arte, em dinheiro e medalhas. Premio fixo de 2\$500 réis a todas as séries que obtenham 46 pontos.

BRONZES D'ARTE, Pro Patria e Defesa da Bandeira para as provas de 300 tiros. PREMIOS ás series do Alvo Electrico. Ver o programma official a publicar no n.º 248 de O Tiro Civil.

A ENTRADA NA CARREIRA É LIVRE, EM TODOS OS DOMINGOS

Sociedade de Concertos * * * * *

* * * * * e Escola de Musica

SÉDE PROVISORIA

RUA DA BARRÓCA, 107, 2.º

Continua aberta a matricula para as diversas aulas d'esta sociedade. A matricula é livre de qualquer outro encargo, dispensando-se para ella a qualidade de socio.

Aulas de rudimentos, piano, rabeça, violoncello, harmonia, contraponto, fuga, composição, canto, francez, allemão e italiano.

Estas aulas já todas funcionam

O TIRO CIVIL

Revista de educação physica e de Sport Nacional

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes e da União Velocipedica Portugueza

Esta revista unica no seu genero em Portugal, conta oito annos d'existencia, durante os quaes tem concorrido para o desenvolvimento do *Sport Nacional*, como prova com as fundações de sua iniciativa de diversos centros de educação physica taes como:

União dos Atiradores Civis Portuguezes, União Velocipedica Portugueza, Associação Protectora da Caça em Tempo Defezto, dos Caçadores Portuguezes, Escola Nacional de Natação, Sociedade de Concertos e Escola de Musica.

GRANDE DIPLOMA DE HUNRA, na exposição da imprensa — Lisboa 1898